

# Para Franco, economia vai crescer mais de 3% <sup>Brasil</sup> em 97

por Maurício Corrêa  
de Brasília

O diretor de Assuntos Internacionais do Banco Central (BC), Gustavo Franco, vai começar seu Ano-Novo com várias certezas. A taxa de crescimento médio da economia, na sua opinião, será maior do que os 3% alcançados no decorrer deste ano. A taxa de inflação ficará contida em um dígito, haverá ganhos nas despesas com pessoal e o déficit comercial "será um pouco maior" do que o registrado em 1996. Ele, porém, descartou qualquer tipo de alteração muito significativa na política cambial, classificando as perspectivas, nessa área, como "monótonas, muito parecidas com o que ocorreu neste ano".

Ontem, durante um café oferecido pela diretoria do BC a jornalistas da área econômica, Gustavo Franco fez uma avaliação bastante positiva sobre a economia brasileira em 1997, quando haverá continuidade no crescimento registrado neste ano, "que foi contínuo do começo ao fim, bastante diferente da flutuação registrada em 1995". Para o próximo ano, ele está animado quanto ao volume de capitais estrangeiros que podem ingressar no País, em decorrência das aplicações no programa de privatização.

"Sem dúvida teremos bons números para os investimentos diretos no País, principalmente levando em consideração a contribuição da privatização, que começa a despertar o interesse dos capitais estrangeiros. Eles já estão presentes nas empresas de eletricidade e ferrovias. Agora, vão entrar nas telecomunicações", afirmou o diretor.

Nos últimos meses, Franco tem duelado verbalmente com outros economistas a respeito da política cambial. Ontem, ele mostrou que está chegando ao fim do ano com a guarda alta e pronto para o combate. Conforme opinou, o desempenho da conta de capitais, no próximo ano, também servirá para "resolver os elementos de ansiedade", que, na sua opinião, surgiram nas discussões sobre o balanço de pagamento e a balança comercial. "Ficará para trás uma queixa um tanto difusa, que surgiu de uma forma articulada, mas a área internacional efetivamente não é um problema", acrescentou.

"O déficit comercial, em 1997, será um pouco maior (ele não quis citar números), mas apenas moderadamente maior. Haverá um aumento da atividade econômica e

também surgirão os efeitos das medidas de incentivo às exportações. Honestamente, não acho que seja importante um crescimento do déficit comercial, desde que em bases moderadas", salientou.

Gustavo Franco também fez comentários a respeito da área interna da economia, frisando que o déficit operacional, em 1997, será menor do que em 1996 (ele não entrou em detalhes, mas o governo trabalha com uma projeção de 2,5% de déficit operacional em relação ao Produto Interno Bruto (PIB), contra uma estimativa de 4% neste ano). Para o diretor do BC, um fator que causou o déficit, neste exercício fiscal, foi o progra-

ma de privatização, pois o governo gastou muito dinheiro para preparar as companhias no momento de transferi-las à iniciativa privada. "Quando elas são vendidas, a receita não é computada, o que é um paradoxo, pois o impacto monetário se torna perverso", declarou.

Para Gustavo Franco, o processo de ajuste não é uma coisa que se resolve da noite para o dia. "Os empresários conhecem isso muito bem. E o País é como qualquer botiquim. No passado, nossos economistas heterodoxos fizeram um serviço, tentando mostrar que era possível gastar mais do que se ganha. Hoje, estamos pagando o preço", assinalou o diretor do BC.